

www.cstpsol.com

COMBATE SOCIALISTA

PUBLICAÇÃO DA CORRENTE SOCIALISTA DOS TRABALHADORES - CST

PSOL

Tendência Interna
do Partido Socialismo
e Liberdade

nº 41
MARÇO/ABRIL 2012

DILMA E GOVERNADORES
CRIMINALIZAM AS LUTAS...



... PARA APLICAR AJUSTE
E PRIVATIZAÇÃO!

PANORAMA POLÍTICO

Michel Oliveira

Direção Nacional do PSOL

O ano começou mal para a presidenta Dilma. A crise política está de volta. Novamente a base “aliada” reclama. A crise com setores do PMDB e PT é forte e o PR faz discurso de “oposição”. A veloz troca das lideranças no Congresso executada pelo Planalto bota mais lenha na fogueira. As idas e vindas da Lei Geral da Copa e a suspensão de todas as votações, incluindo o Código Florestal, demonstra a fragilidade do Governo.

Na base de tudo, o interesse por cargos e liberação de emendas parlamentares, que servem para acomodar cabos eleitorais e comprar votos. O cenário eleitoral agrava as desavenças da coalizão fisiológica num momento em que Lula está fora de ação por conta de tratamento médico.

Em meio à crise, o governo viu a oportunidade de propagar o discurso de que Dilma sofre retaliações por ser contra o “toma lá dá cá”. Tentam resgatar as ilusões que surgiram na época da chamada “faxina”. No entanto, a proximidade com

Sarney e a ausência de punição aos ministros corruptos, comprovam que a velha política segue no comando do país. A corrupção é parte integrante da falsa democracia do poder econômico. Aqui, na Europa, nos EUA ou no norte da África, quem governa são os bancos, as corporações e as bolsas de valores, financiando legendas e políticos que representam seus interesses nos parlamentos e ministérios.

O Ministro da Fazenda tenta passar a idéia de que o Brasil está diante do “desafio de crescer” mesmo diante da “crise global”. Porém, não estamos descolados da economia mundial. A crise econômica se impõe em todos os países apesar das várias intensidades com que atinge cada local. O baixo crescimento de 2011 está diretamente ligado ao declínio da atividade econômica da Europa e Estados Unidos, situação que vai continuar em 2012. E os problemas da China, principal comprador de produtos brasileiros, podem complicar mais o cenário. Sem falar na escalada da dívida pública que cresce por causa da especulação propiciada pelos juros altos.



A prova de que a crise chegou às nossas terras é que Dilma fez o maior corte de verbas das áreas sociais da história (R\$ 55 bilhões), aprovou na Câmara a criação de fundo de pensão dos servidores públicos e privatizou os principais aeroportos do país. Como se vê é a mesma receita aplicada contra os trabalhadores na Grécia, Espanha ou Portugal: ajuste fiscal, privatização, arrocho salarial e retirada de direitos.

Por outro lado, os ricos vão muito bem. O governo segue destinando a maior parte do orçamento aos banqueiros por meio da dívida pública; concede isenção fiscal aos empresários; mantém a expansão das multinacionais brasileiras com dinheiro do BNDES e deseja anistiar dívidas de ruralistas. Por essas e outras, Eike Batista até sonha em ser o homem mais rico do mundo enquanto novos bilionários brasileiros engrossam a lista da revista FORBES.

Dilma tenta salvar os capitalistas naciona-

is e estrangeiros, submetendo o país a Lei Geral da Copa, que impõe um regime de exceção. Durante os jogos seremos controlados pela FIFA e as corporações que a financiam, como a indústria de bebidas, perdendo assim mais um pouco da pouca soberania que nos resta.

Na luta de classes, as greves de militares, operários da construção civil, professores, mobilizações contra aumento de tarifas e mensalidades universitárias, assim como ocupações urbanas do MTST indicam que as lutas do ano passado continuam. Por isso, governo e patronal criminalizam os movimentos sociais para impedir que a situação assumira patamares europeus. A desocupação do Pinheirinho, as demissões de diretores do sindicato dos químicos de São Jose dos Campos, o interdito proibitório contra o PSOL-RJ e a brutal repressão à greve dos militares da Bahia e Rio, são exemplos. A recente ordem de

expulsão do Cabo Daciolo e 12 bombeiros do Rio juntamente com a tentativa de cassar o mandato da deputada estadual Janira Rocha mostra que a repressão ganha contornos políticos. A criminalização das lutas é vista em nível internacional: massacres contra a resistência Síria, repressão às greves gerais gregas e abusos contra os jovens chilenos.

Nossa tarefa é organizar uma campanha nacional contra a criminalização e cercar de solidariedade as lutas estaduais que estão acontecendo, buscando unificá-las e politizá-las para que enfrentem os governos e seu plano neoliberal. Pauta que deve se expressar nas campanhas salariais que já estão em curso. Lutamos pelo direito de manifestação, pelo fim das retaliações às lideranças militares, em defesa do mandato de Janira Rocha, pela readmissão dos sindicalistas demitidos pela Johnson em São José dos Campos - SP.



COMBATE SOCIALISTA

PUBLICAÇÃO DA CORRENTE SOCIALISTA DOS TRABALHADORES
CST/PSOL - SEÇÃO DA UNIDADE INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES - UIT
www.uit-ci.org

Av. Gomes Freire 367 - 2º andar - Centro - Rio de Janeiro
Telefone (21) 2507-9337 - combatesocialista@gmail.com

Editoria: Sílvia Santos, Rosi Messias e Michel Oliveira
Correção: Eloísa Mendonça, José Mario "Makaiba" e Neide Solimões
Diagramação e projeto gráfico: Marcello Bertolo

As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores e colaboradores

COPA DO MUNDO

UM CHUTE NO TRASEIRO?

Adolfo Santos

CST - PSOL

A grosseira declaração do Secretário Geral da FIFA Jerome Valcke de que “... o Brasil necessita de um chute no traseiro para acelerar as obras da Copa”, gerou mal-estar. Mas os fatos demonstram que essa indignação teve duas caras. A verdadeira, dos brasileiros comuns, que se sentiram insultados gratuitamente e a falsa, dos cartolas e do governo que não estão nem aí com as palavras já que para eles o importante é o negócio que oferece a Copa.

Não é casual que o “indignado” Ministro do Esporte Aldo Rebelo, em nome do governo, tenha recuado e perdoado o deboche do francês. E a presidente Dilma já agendou uma reunião com o chutador mor, Joseph Blatter. Quem acompanha a preparação da Copa não fica surpreso. É o comportamento próprio de quem vem aceitando todos os tipos de imposições por parte da FIFA. No seu blog, o jornalista José Cruz comenta o servilismo do Congresso: “*Pode parecer eficiência dos parlamentares, coisa rara, sabe-se bem. Mas pode ter sido, também, reação ao grosseiro recado do secretário-geral da FIFA. A verdade é que, depois que J. V. disse que brasileiro merecia um chute no traseiro, as excelências trabalharam e a Comissão Especial aprovou a Lei Geral da Copa.*”

A Lei Geral da Copa, feita à medida da FIFA, soma-se a outras disposições do governo, para

satisfazer as exigências da entidade mundial.

Nelas, o Estado é o responsável pelos

gastos e possíveis prejuízos e preserva os privilégios e lucros para a FIFA sem nenhum contrapartida. A FIFA, dona da Copa, não desembolsará um Real, mas mediante salvaguardas e isenção de impostos obterá polpudos lucros sem correr risco.

Um típico negócio neoliberal. Segundo Jamil Chade do ESP, o acordo entre o Brasil e a FIFA sobre a isenção de impostos evitará que R\$ 500 milhões sejam coletados pelo Tesouro.

“Vão roubar pelos cotovelos...”

Montado numa paixão popular, como é o futebol, o então presidente Lula encabeçou a cruzada em prol da Copa para angariar mais popularidade para ele e seus aliados. Argumentos não faltaram: geração de empregos, obras de infraestrutura, modernização dos transportes, dos aeroportos e das estradas. Prometeram um legado cor de rosa, tudo feito com investimentos privados. Mas o que estamos vendo é diferente. Obras superfaturadas e uma total falta de transparência nos gastos.

O dinheiro da iniciativa privada esfumou-se e as obras só avançam

Blatter, presidente da FIFA, e Dilma fecham acordo para favorecer negociatas



com fundos do Tesouro ou do BNDES. Enquanto isso, os orçamentos se multiplicam para construir “elefantes brancos” que abrigarão apenas três ou quatro jogos como denunciou o Tribunal de Contas da União. O TCU estima que 98,5% dos R\$ 23 bilhões previstos para serem gastos nas obras sairão dos cofres públicos. É o dinheiro que falta para investir em programas sociais.

As experiências das Olimpíadas de Atenas 2008 e do Mundial da África do Sul estão aí. A crise da Grécia não é por culpa das Olimpíadas, mas a Grécia se endividou em obras superfaturadas com a promessa de um legado que ninguém consegue enxergar. Transcorrido pouco mais de um ano da Copa, a África do Sul não sabe o que fazer com os estádios construídos. O de Green Point, com capacidade para 58 mil pessoas, na Cidade do Cabo, custou R\$ 1 bilhão e ninguém quer usá-lo nem se responsabilizar por ele.

Chegou a se cogitar em sua demolição, uma loucura que só foi descartada quando o poder público municipal se comprometeu a cuidar dele. Dos três clubes de futebol da cidade, nenhum deles tem “torcida” para tanto estádio. Qualquer semelhança com o que acontecerá em Brasília, Cuiabá ou em Manaus, não será por falta de aviso.

A Copa de 2014 poderá deixar um nefasto legado de roubalheira, dívidas e elefantes brancos. Eleito melhor do mundo na Copa de 1994, Romário denunciou: “... O rombo vai passar de 100 bilhões nessa Copa [...] Quando chegarem às obras emergenciais, todo mundo vai roubar pelos cotovelos.” A renúncia de Ricardo Teixeira à presidência da CBF e ao Comitê Organizador Local, não muda esta situação. Seu substituto, o ex-deputado da ARENA e governador biônico José Maria Marin é farinha

do mesmo saco. O governo é conivente e colabora para manter esta corja. Longe de aprofundar as investigações contra o corrupto dirigente que acabava de renunciar, Aldo Rebelo declarou: “... *continuaremos cooperando com a CBF. Seguiremos trabalhando em harmonia para o êxito das tarefas...*”

A queda de Ricardo Teixeira foi produto da mobilização de setores que impulsionaram e colocaram em evidência, de forma escancarada, as denúncias que pesam contra ele. Exigir punição e retomar essa mobilização contra o poder político e os cartolas para reclamar transparência nos gastos da Copa é uma importante tarefa. É necessário que organizações de esquerda como o PSOL e sindicatos combativos, se engajem e impulsionem esta luta para evitar que, na esteira de uma paixão nacional, os corruptos nos dêem um chute no traseiro.

Lutas e crises sociais marcam os governos de Cabral e Eduardo Paes

Babá

Diretório Nacional do PSOL

A ex-capital da República que é considerada uma das cidades mais belas do mundo, conhecida pela alegria do seu povo, pelo samba e pelo carnaval, se transformou em um laboratório do “novo” capitalismo brasileiro. O governo federal, desde Lula e acentuando-se com Dilma, junto com o governador Sérgio Cabral e o prefeito Eduardo Paes, aliados incondicionais das grandes empreiteiras e de Eike Batista, estão transformando a cidade e boa parte do Estado num caldeirão de caos. Sob o pretexto das Olimpíadas e da Copa do Mundo, saúde, educação, moradia, transporte, lazer, segurança e a qualidade de vida da maioria da população estão sendo jogadas na lata do lixo.

Importantes setores da população têm se levantado dizendo um grande não a este projeto. Sem demora, uma forte criminalização aos movimentos sociais está em curso, como nas prisões e grampos ilegais na mobilização dos Bombeiros e dos policiais militares. Mas, além disso, a criminalização da pobreza é diária, a remoção de comunidades inteiras e o carro chefe – as UPP’s – fazem parte da política das autoridades governamentais de calar a voz dos que não aceitam a implementação do projeto cidade mercadoria. Nesse sentido, o PSOL tem sido a principal ferramenta de combate à Cabral e

justamente por isso também tem sido atacado.

Em defesa do mandato da companheira Janira

A Deputada do PSOL, Janira Rocha, demonstrou qual deve ser a atitude dos parlamentares comprometidos com a luta do povo. Apoiou inteiramente a mobilização dos trabalhadores e, por isso, agora está sendo ameaçada na ALERJ e pode perder seu mandato. Defender o mandato da Janira é uma tarefa imperiosa.



Política de Segurança pra quem?

Em 2011 o Brasil inteiro assistiu a invasão de grandes favelas pela polícia com apoio da Força Nacional. Anunciaram a paz justamente quando aumentou ainda mais a violência. Os relatos concretos de inúmeras violações aos direitos humanos em diversas comunidades são freqüentes. Além disso, o tráfico varejista de drogas apenas substitui suas posições. Por outro lado, como bem afirma o deputado do PSOL Marcelo Freixo, as UPP’s



Cabo Daciolo é um dos 13 expulsos do Corpo de Bombeiros pelo governo Cabral

revelam um projeto de cidade e não de segurança, pois se verificarmos onde são implantadas, veremos que corrobora no projeto de limpeza étnica, com centro na Zona Sul.

RJ: o pior nos rankings da Educação e da Saúde

Nestes dois quesitos o Estado do Rio ficou em último lugar entre as grandes cidades em 2011. E a realidade só confirma os dados. Na saúde a grande campanha midiática das UPAS e das Clínicas da Família, não passaram de mídia. O fato é que faltam médicos, equipamentos e condições de trabalho dignas. As filas são uma regra. No pronto atendimento e na média e alta complexidade há deficiências sérias. Já na educação, após amargar o último lugar do país no IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Brasileira – a nova “sacada” de Cabral é fechar escolas. O salário de um professor da rede estadual é vergonhoso - cerca de R\$750,00.

Os movimentos e o PSOL crescem e incomodam!

Apesar da derrota imposta à greve dos trabalhadores fardados e de toda criminalização, o movimento faz experiências, cresce e incomoda cada vez mais. Não há meio termo: é povo organizado contra a coalizão de Dilma, Cabral, Paes e

Empreiteiros.

Importantes campanhas salariais apenas começaram. A luta por transportes de qualidade e contra os aumentos de tarifa tendem a crescer e a desmascarar este projeto. A mobilização deve seguir. É importante a unidade de todos os lutadores, dos professores, dos profissionais da saúde, da juventude, dos bombeiros, etc., para enfrentar o projeto entreguista de Cabral e Paes. Derrotar os governos nas ruas e nas urnas é uma tarefa colocada. Na cidade do Rio teremos um forte embate eleitoral neste ano. O Deputado Marcelo Freixo aceitou o desafio de lutar por uma cidade do povo contra os poderosos. O PSOL também deve ter importantes candidaturas em várias cidades.

Anistia já a todos os Bombeiros expulsos

O presídio de Bangu I se transformou em uma cadeia política. Jovens que se manifestaram contra o aumento das Barcas foram chamados a depor só porque compartilharam um vídeo no Facebook! Centros acadêmicos foram invadidos. E o PSOL, como principal opositor, foi proibido pela justiça de participar de manifestação, sob pena de pagar uma multa de 5 milhões de reais. Infelizmente, hoje faz parte da cara do “Rio real” a criminalização constante aos movimentos sociais, como parte de uma dinâmica que é internacional e nacional.



É nossa tarefa organizar uma grande campanha pela Anistia de todos os que se manifestaram na greve dos trabalhadores fardados. Daciolo e seus companheiros não podem ser criminalizados e punidos por lutarem por melhores salários. Todos os 13 policiais e bombeiros que foram expulsos das corporações têm que ser readmitidos!

NITERÓI - RJ

Barcas S.A. – Mãos ao alto, R\$4,50 é um assalto!

Marco Antônio

Executiva - PSOL Niterói/RJ

Um dos meios de transporte mais populares de ligação entre as cidades de Niterói e região com a cidade do Rio, a Barca, acaba de ter sua tarifa reajustada em 60,7%! O preço subiu de R\$2,80 para R\$4,50, um absurdo que não encontra na realidade nenhuma explicação plausível, pois o serviço fica pior a cada dia. As filas que às vezes duram 50 minutos e os incidentes – como o do fim de 2011 com 63 feridos – são muito constantes. Somente na semana após o aumento, quando a atenção da concessionária Barcas S.A estava redobrada, durante três dias seguidos a Barca ficou à deriva e bateu. Não se trata de uma coincidência.

A Odebrecht é uma das principais acionistas da empresa que recebeu ano passado 100% de isenção de ICMS do governador Cabral e deixou de ser obrigada a rodar na madrugada. O

contrato de concessão, que é de 1998, é desrespeitado em muitos aspectos. Desde 1999 já era para estar construída, assim diz o contrato, uma estação e uma linha de viagem direta para São Gonçalo, segunda cidade mais populosa do Estado. Isto aliviaria o trânsito e diminuiria o tempo de viagem de milhares de trabalhadores. Mas nada aconteceu.

Como regra das privatizações e concessões, as agências reguladoras, neste caso a AGETRANSP, são cúmplices do martírio que o povo passa. Ao invés de multar e caçar a concessão da empresa, a mesma apenas premia e não fiscaliza.

Campanha de usuários: Não ao aumento!

Um movimento amplo de usuários jovens e trabalhadores foi organizado inicialmente pela internet. Logo se transformou em uma campanha que hoje já conta com mais de 40 mil assinaturas. Realizamos três



grandes manifestações onde o apoio da população foi unânime. Com bom humor e criatividade improvisamos um Roberto Carlos cover, teatro e jograis. Tivemos uma resposta positiva da representação que fizemos ao Ministério Público via SINTUFF. Há um inquérito aberto para averiguar a legalidade do aumento. Além disso, a pressão da opinião pública forçou os deputados, inclusive os da base governista, a derrubarem o veto do

governador Cabral que desobrigava a empresa de considerar como parte de seus dividendos o total das linhas que explora, bem como serviços de estacionamento, aluguéis de lanchonetes e milhões que ganha com publicidade. Para termos uma idéia, a empresa é tão cara de pau, que deixa fora de seus lucros uma linha que explora do Bairro Charitas em Niterói até a Praça XV no Rio onde o preço de uma única passagem custa R\$12,00!

Resistir, resistir, até a tarifa cair!

Nesta última semana o movimento entrou com uma Ação Civil Pública contra o aumento que pode ser julgada a qualquer instante. Independentemente disto, está claro que somente com muita pressão, o movimento na rua pressionando Cabral, a ALERJ, a AGETRANSP e a própria Barcas S.A, é que poderemos ter uma vitória final.

Eleição dos Metalúrgicos: oportunidade de derrotar a burocracia!

Nos dias 10 e 11 de abril, haverá eleição do sindicato dos metalúrgicos de Niterói e região. A burocracia cutista que controla a entidade há 20 anos, entregando o direito dos operários para satisfação dos donos de estaleiros, está extremamente questionada pela base. Mesmo com o crescimento do setor da indústria naval, isto não se reflete nas condições de trabalho e salário.

A burocracia é tão entreguista e allada dos empresários, que houve uma importante ruptura na direção sindical de quatro dirigentes da categoria, tendo a frente o companheiro Júnior, do estaleiro STX. Esse companheiro rompeu com a CUT há mais de um ano, e buscou o PSOL, e desde então tem se destacado para unificar todos os novos e antigos lutadores na perspectiva de ter um sindicato como

instrumento da luta de sua categoria, classista, democrático, que se paute pelas decisões da base da categoria.

A priori têm três chapas, duas governistas da CUT e CTB e a SOS Metalúrgicos, a única chapa classista, composta pela Intersindical, Unidos Pra Lutar, Conlutas e independentes. A chapa é encabeçada pelos companheiros Júnior e Paulinho. Na assembleia

que elegeu a comissão eleitoral, a oposição mostrou toda capacidade de mobilizar a categoria e ganhamos a assembleia por 63%, a maioria dos trabalhadores era do estaleiro STX. Segundo Júnior, cipeiro mais votado de sua fábrica, "o sindicato tá fazendo teatro as véspera da eleição pra dizer que terá reajuste, mas não é capaz de mover a categoria pra exigir melhorias".

A Unidos pra lutar e o Sintuff estão diretamente empenhados na vitória da chapa. É fundamental que todos os sindicatos de lutadores no país se empenhem para ajudar na vitória da Chapa da O p o s i ç ã o S O S Metalúrgicos, que sem dúvida será uma grande vitória do sindicalismo classista em nosso estado e no país.

Pedro Rosa - SINTUFF e Unidos pra Lutar

REINTEGRAÇÃO IMEDIATA DOS DIRIGENTES SINDICAIS DEMITIDOS



Nancy Galvão
Diretório Nacional do PSOL e
Fórum de Lutas de SJC/SP

A Johnson em São José dos Campos/SP demitiu no dia 27 de fevereiro cinco dirigentes sindicais, e ameaça demitir mais. Entre eles, Wellington Luiz Cabral, o principal dirigente do Sindicato dos Trabalhadores Químicos e presidente da Associação Nacional de Sindicatos Independentes UNIDOS PRA LUTAR. Foi um dos maiores ataques ao direito de organização sindical já orquestrado por uma multinacional implantada no País. Sem dúvida é uma declaração de guerra ao movimento sindical brasileiro, implementada pelos governos Dilma e Alckmin.

A região do Vale do Paraíba tem grande importância econômica, pois é onde estão poderosas multinacionais como GM, Volkswagen, Monsanto. A montadora chinesa Chery está inaugurando uma unidade em Jacareí. Tem um importante pólo tecnológico com a presença do CTA- Centro Tecnológico Aeroespacial e da Embraer, segunda maior exportadora, em volume, do País. É uma região rica, entretanto a necessidade das empresas de aumentar as margens de lucros, reduzindo o custo de produção,

somado ao momento conturbado da economia capitalista mundial faz com que o governo e os patrões tenham como política central, a desregulamentação dos direitos trabalhistas, a redução salarial, o corte de benefícios. Não à toa, a Volkswagen em Taubaté apresentou a proposta de redução da grade salarial em 10% e congelamento dos salários em troca da promessa de estabilidade por 5 anos. Os trabalhadores rejeitaram essa proposta.

O ataque da Johnson ao Sindicato dos Químicos é parte desse propósito, pois não se consegue retirar direitos com a classe lutando, por isso os patrões sabem que precisam destruir os Sindicatos combativos. A Johnson e outras multinacionais como a AmBev e a GM, na região do Vale do Paraíba/SP, prepararam um plano de retirada de direitos. É a tentativa de impor um novo modelo de exploração que definimos como chinalização das relações de trabalho. É contra esse projeto que os trabalhadores estão lutando no Vale do Paraíba e no mundo.

A criminalização da região se estende a demais Empresas. Na

GM 3 diretores do Sindicato e 2 cipeiros foram suspensos por paralisar durante três horas o setor em protesto contra as condições inseguras de trabalho. A AmBev demitiu o cipeiro Joaquim Aristeu que denunciou um acidente fatal de um trabalhador terceirizado na Empresa.

É contra esse projeto que chamamos a todas as organizações a defenderem o Sindicato dos Químicos, a participarem da Campanha pela Reintegração dos Sindicatos demitidos, enviando moção à Johnson e ao Ministério Público do Trabalho (anexo) e a participarem do ato pela reintegração dos demitidos e da audiência pública, chamada pelo deputado estadual do PSOL Carlos Gianazi, no próximo mês de abril.

Muitas organizações sindicais nacionais e internacionais já estão empenhadas na Campanha pela reintegração dos sindicalistas.

- * *Pelo direito de Organização Sindical!*
- * *Fim das perseguições aos que lutam!*
- * *Reintegração dos sindicalistas demitidos pela Johnson, já!*

MOÇÃO

À Johnson & Johnson
Ao Ministério Público do Trabalho

Por meio desta, exigimos a imediata reintegração dos dirigentes sindicais: Wellington Luiz Cabral, José Natalino Landim, Lidia Louzada Cardoso, Silvio Antonio Pereira e Paulo Lourenço, demitidos arbitrariamente no dia 27/02/2012 pelas empresas do grupo Johnson & Johnson. Também condenamos o ataque aos direitos dos trabalhadores e o uso da tropa de choque da segurança pública do estado de SP (sem nenhum mandato judicial) e de seguranças privados para impedir as greves e as assembleias democráticas dos trabalhadores.

Essas vergonhosas e ilegais atitudes dessa multinacional americana só comprovam o desprezo ao povo brasileiro e à sua legislação, uma afronta à soberania nacional, já que burla as leis do Brasil, onde constitucionalmente, vigora a Liberdade e a Autonomia Sindical e é signatário das Convenções 135 e 98 da OIT que tratam da proteção contra atos anti-sindicais.

Exigimos que cessem imediatamente os ataques por parte da Johnson e exortamos às outras empresas do ramo que não sigam a lamentável e desprezível conduta da Johnson & Johnson contra o livre-direito de organização Sindical garantidos na Constituição Federal brasileira.

Solicitamos às autoridades públicas proceder a defesa dos trabalhadores e de seus representantes, agredidos pelas arbitrárias atitudes das empresas do grupo Johnson & Johnson, amparadas por seus sindicatos patronais SIMPROQUIM, SINDPLAST e SIPATESP.

Enviar para:
RH Alcides: asuliman@its.jnj.com RH Douglas:
dsene@its.jnj.com Johnson & Johnson São José dos Campos:
12-3932-3100
Facebook da Johnson internacional
<http://www.facebook.com/jnj>
Ministério Público do Trabalho:
pgtprocuradoriageraldotrabalho.ascom@mpt.gov.br
Cópia para: quimicosjc@gmail.com

TODO APOIO À CHAPA DO SINDICATO COMBATIVO

NÃO À CHAPA DA PATRONAL

Wellington Cabral
e João Rosa

Dirigentes do Sindicato dos Químicos de SJC e região

O Sindicato dos Químicos de SJC e Região realizará eleições para a renovação da diretoria colegiada e do conselho fiscal nos dias 09 e 10 de maio, esta data, assim como o edital e o regimento eleitoral foram aprovados por unanimidade na assembleia do dia 10 de março. Cerca de 90% dos presentes na assembleia, rejeitou a tentativa de um setor minoritário de impor a realização de prévias que poderiam comprometer a trajetória de luta, independência e combatividade da entidade que atualmente é formada por companheiros ligados a UNIDOS pra lutar. Simultaneamente às demissões dos dirigentes sindicais, alguns diretores do Sindicato racharam a diretoria e se apresentam como oposição fazendo o jogo da patronal. Essa atitude divisionista aconteceu em meio

aos ataques da Johnson contra os trabalhadores, justamente no momento em que mais precisamos da unidade e de uma direção sindical combativa.

Sabemos que o aprofundamento da crise capitalista leva a maiores enfrentamentos, pois de um lado estão os patrões e os governos retirando direitos, criminalizando e reprimindo os que lutam, de outro os trabalhadores e os sindicatos combativos enfrentando com lutas e greves cada vez mais radicalizadas. Neste cenário não há espaço para a velha política de parceria com os patrões: ou se organiza a luta e enfrenta as instituições do Estado (justiça, força de repressão, imprensa) que via de regra estão a serviço do lucro, ou se entrega os direitos conquistados com luta, suor e sangue da classe trabalhadora.

As entidades que participam do Fórum de Lutas já definiram seu apoio à chapa encabezada pelo Cabral e João Rosa, dirigen-

tes da atual diretoria, trabalhadores da Johnson e da Fadamac respectivamente e membros da UNIDOS PRA LUTAR!



Wellington Cabral



João Rosa

FÓRUM DE LUTAS DO VALE DO PARAÍBA - UNIDADE PARA ENFRENTAR OS PATRÕES E O GOVERNO

Em 2011, ao calor das campanhas salariais, se formou o Fórum de Lutas que desde então tem sido o principal instrumento de unificação e organização das lutas na região. O impacto da unidade tem preocupado os patrões, pois em todas as greves e lutas a atuação é unificada. Assim foi nas greves na Johnson, na MARS do Brasil, na AmBev, na Vidroline, nos condutores, na mobilização de petroleiros, dos servidores municipais, das lutas do movimento sem-teto como a do Pinheirinho e dos ambientalistas. O Fórum de Lutas está

organizando as mobilizações contra a criminalização, pois na região do Vale do Paraíba a patronal tem atacado duramente com demissões de ativistas e dirigentes sindicais como na Johnson, AmBev, servidores municipais de São Sebastião e metalúrgicos. Foi brutal a repressão aos moradores do Pinheirinho. Entretanto, mesmo sendo duramente atacado pelos patrões o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e região/CONLUTAS não tem chamado à unidade, ao contrário, sua política de isolamento, fragiliza a luta dos

trabalhadores e a resposta unificada aos ataques dos patrões como na GM. É necessário refletir e aprender com os erros. Em novembro do ano passado, frente ao brutal ataque da Johnson, com o uso ilegal da tropa de choque da polícia militar do estado para reprimir o piquete de greve, com o uso de cassetetes, gás pimenta e bala de borracha lançados sobre os sindicalistas e trabalhadores que ousavam descer dos ônibus para participar das assembleias, todos os sindicatos do Fórum de Lutas, a Federação Química, Sindicatos e Federa-

ção de Metalúrgicos, ligados a CUT estiveram ombro a ombro enfrentando a repressão junto com o Sindicato dos Químicos durante os três dias de greve. Estiveram também vereadores do PT de São José dos Campos, parlamentares do PSOL como Ivan Valente e Carlos Gianazi prestando solidariedade à categoria química agredida no seu legítimo direito de greve, mas absurdamente os grandes ausentes foram o Sindicato dos Metalúrgicos de SJC e a CSP-Conlutas. O reflexo mais elementar faltou aos companheiros: a solidariedade de

classe! Inclusive agora diante das demissões dos 5 dirigentes sindicais da Johnson não vimos nenhum pronunciamento da Conlutas.

Para nós da UNIDOS PRA LUTAR, que ajudamos a construir e valorizamos o Fórum de Lutas como um instrumento de organização e unificação das lutas na região do Vale do Paraíba, vemos que na atual conjuntura é vital unificar todos aqueles que lutam em defesa dos direitos dos trabalhadores e mantém a autonomia e a independência frente aos governos e aos patrões.

Unificar a OPOSIÇÃO para derrotar a Direção Governista da FASUBRA

Pedro Rosa

Diretor da Fasubra e do SINTUFF

Nos dias 10 a 15 de abril se realizará em Poços de Caldas (MG) o XXI Congresso dos Servidores das Universidades Federais (CONFASUBRA). Este evento acontecerá um ano depois da greve protagonizada pela categoria. Os servidores lutaram durante três meses, mas o salário continua congelado. O governo se nega a abrir uma negociação, pretendendo manter o arrocho salarial por dez anos de acordo com o previsto no Projeto de Lei 549. Esta política faz parte de uma série de medidas que atacam diretamente os direitos e conquistas dos funcionários públicos. Recentemente foi aprovado o Projeto de Lei 1992/2007, que cria a Fundação de Previdência Complementar do Servidor Público Federal (Funpresp), jogando nas mãos do mercado financeiro a aposentadoria dos futuros servidores públicos. Em dezembro de 2011 Dilma sancionou o Projeto de Lei 1749/11, que cria a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), permitindo que uma empresa privada assumira a gestão dos Hospitais Universitários.

Outras medidas estão sendo encaminhadas, a exemplo da retirada dos valores correspondentes ao adicional de insalubridade e da ameaça, através da uma Orientação



Normativa, de acabar com o reposicionamento dos aposentados. A implantação de ponto eletrônico e a mudança do regime de 30 horas são outras ofensivas em curso. Permanece a carência de concursos públicos e de um plano de carreira que valorize o trabalho e dedicação dos servidores.

A direção majoritária da Fasubra traiu a greve de 2011

A categoria reivindica reajuste salarial, tem disposição de lutar e ganhou experiência na greve de 2011. A direção majoritária da Fasubra, composta pelo agrupamento Tribo, CTB e CSD atuaram permanentemente contra a greve. No intuito de defender o governo, praticaram todos os tipos de manobras para evitar um

triumfo da categoria. Desconhecendo as resoluções das assembleias tentaram desconhecer a vontade da base, forçando a finalização da greve.

O resultado desta política foi uma rebelião da base, encabeçada pelos novos servidores, que continuou lutando, adquiriu consciência dos profundos ataques do governo e da traição da direção da Fasubra.

É necessário construir uma nova direção

O Confasubra certamente refletirá as conclusões da greve. A direção majoritária da Fasubra, assumidamente governista, não serve para defender os interesses da categoria. É necessário construir uma nova direção disposta a enfrentar os ataques e apolítica de

desmantelamento do funcionalismo público deste governo.

O agrupamento sindical "Unidos pra Lutar" avalia ser imprescindível a unidade de todas as organizações, correntes e lutadores independentes que se opõem ao governo e se demonstram dispostos a combater os sindicalistas governistas na federação. Apresenta-se uma oportunidade para derrotar estes setores no Congresso. É preciso alavancar a unidade dos agrupamentos Unidos pra Lutar, PS Livre, Vamos à Luta, Conlutas, MES, os independentes e os lutadores cutistas da UNB e UFC, que romperam com o agrupamento governista Tribo e que compartilham a necessidade de construir uma Federação de luta e independente do governo.

É hora de priorizar os acordos em relação à unidade dos que se opõem ao governo e partir para a disputa. É possível eleger uma nova direção que se proponha ser a referência de luta e democracia para milhares de lutadores que tiveram a coragem de enfrentar a direção majoritária da Fasubra e que apostaram na mobilização para conquistar nossos direitos e impedir os ataques de um governo corrupto e neoliberal. Só uma direção combativa, democrática e que acate as decisões das assembleias de base poderá construir um calendário de lutas para combater a privatização e obrigar a abertura da negociação salarial e de um plano de carreira. Unidos pra Lutar junto a independentes apresentará uma tese chamando à unidade para mudar os rumos da Fasubra!

BELÉM DO PARÁ

Entidades criam Fórum Metropolitano de Lutas

Silvia Letícia

Coordenadora do Fórum de Lutas e Secretária Geral do PSOL Belém - PA

No mês de fevereiro de 2012, atendendo ao convite do Sindicato dos Servidores Federais (SINTSEP/PA), Sindicato dos Rodoviários (SINTRAM), entidades que constroem a UNIDOS PRA LUTAR (Associação Sindical) e do DCE da Universidade da Amazônia (UNAMA), foi criado em Belém o Fórum Metropolitano de Lutas.

Organizado inicialmente como Fórum do Transporte em contraponto ao projeto do Prefeito Duciomar Costa (PTB) para construção do sistema de ônibus rápido (Bus Rapid Transit), este fórum está se transformando em referência para os lutadores da cidade.

Para o projeto do governo, o prefeito pretende destinar R\$ 430 milhões, enquanto R\$ 9 milhões preparariam a cidade para enfrentar as enchentes ocasionadas pelas fortes chuvas que castigam Belém nessa época do ano e ajudariam a combater a epidemia de Dengue e a leptospirose que tem atingido a população mais pobre

que vive em situações precárias em bairros sem saneamento básico, água tratada e coleta de lixo adequada.

Belém e a crise social

A falta de uma política que dê perspectivas de melhoria de vida à população transformou a região metropolitana de Belém em um verdadeiro barril de pólvora. Não tem um dia em nossa cidade que a população, de forma espontânea, não bloqueie alguma rua exigindo, da prefeitura e do governador Simão Jatene (PSDB), melhorias no transporte público, medicamentos e contratação de médicos e enfermeiros para os postos de saúde, bem como reformas na infraestrutura das escolas.

O que tem mais mobilizado a população é a falta de segurança pública. Em Belém, 70% da população economicamente ativa sobrevivem com até dois salários mínimos, a informalidade e os bicos, que não garantem nenhum benefício social, são os maiores empregadores em uma cidade onde mais de 10% da população está desempregada e que



segundo dado da ONU é a 10ª cidade mais violenta do mundo.

Em Belém, bairros inteiros transformaram-se em territórios dominados pelo medo e o narcotráfico, onde o grande ausente é o Estado que, sem políticas públicas, paga mal os policiais militares e não garante o mínimo de condições de trabalho a essa categoria.

É o desemprego, a falta de assistência e direitos sociais que tem feito explodir a violência e crescer nos bairros e conjuntos habitacionais o fenômeno da segurança privada e o surgimento de grupos de extermínio responsáveis por promover uma verdadeira limpeza social nos bairros da

periferia onde a juventude tem sido a maior vítima.

Por isso, temos debatido com os trabalhadores e o povo pobre sobre a crise social gigantesca que vivemos, que a ascensão social propagandeada pelo governo Dilma (PT/PMDB) não existe no Pará, ao contrário, o que temos é o funcionalismo público endividado, polícia, profissionais da saúde e educação pouco valorizados e uma juventude sem perspectivas. Nesse contexto, o PSOL cresce como referência política nas mobilizações e Edmilson converteu-se na alternativa eleitoral de esquerda do povo trabalhador de nossa cidade.

É preciso organizar a

luta por vida digna e o Fórum Metropolitano de Lutas tem tentado cumprir essa tarefa. Estivemos na greve dos professores da rede estadual de ensino, na mobilização da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros e somos parte construtora da luta feita nos bairros por transporte, saúde, saneamento, educação e segurança pública. Estamos ajudando com participação ativa na preparação das campanhas salariais dos servidores públicos federais e dos rodoviários. Somente a unidade, a organização e a luta podem derrotar os planos de ajustes fiscais patrocinados pelos governos de plantão.

Rodoviários de Ananindeua e Marituba

Em assembleia geral ocorrida no dia 14/03 os Rodoviários das cidades de Ananindeua e Marituba na Região metropolitana de Belém deram a largada em mais uma campanha salarial. A categoria, esse ano, exige

da patronal dos transportes 20% de reajuste salarial e melhores condições de trabalho.

Os rodoviários organizados no SINTRAM tem sido vanguarda na luta pela garantia de direitos e manutenção de conquistas.

Infelizmente o sindicato do município de Belém dirigido pela CUT em vez de defender a categoria tem preferido fazer um sindicalismo de "negócios" e de privilégios para a direção do sindicato.

Os rodoviários do

SINTRAM têm como proposta a unificação da luta, pela base, como único mecanismo possível e capaz de derrotar uma patronal que diz não ter dinheiro para atender as reivindicações da categoria mesmo tendo

obtido dois reajustes das tarifas dos ônibus e um prêmio do prefeito de Belém com a isenção do recolhimento de parte do Imposto Sobre Serviços (ISS) e o perdão de uma dívida de mais de R\$ 80 milhões.

ELEIÇÕES 2012

PSOL não governará para todos

Michel Oliveira

Direção Nacional do PSOL

O ano começou com o PSOL nas lutas, cumprindo um papel importante nas greves militares da Bahia e Rio de Janeiro (RJ). O partido incomoda os governantes, os empresários e a Rede Globo. Tudo porque eles sabem que em cidades, como RJ e Belém, nosso partido aparece como referência política para vários setores. Nesses locais estamos em condições de batalhar para ser um polo de esquerda. Por isso, a importância dos seminários sobre as eleições 2012 e o nosso programa, resolução votada pela executiva nacional. Como o calendário eleitoral foi antecipado, os socialistas devem ocupar esse terreno com propostas alternativas. Ao mesmo tempo devemos debater com quem vamos nos coligar.

Combater a crise social

Nosso programa deve responder aos problemas que atingem o povo trabalhador, buscando apresentar as pautas construídas pelos sindicatos e associações de nossa classe. Temos que desmascarar os demais partidos que prometem mundos e fundos, sem dizer de onde vai sair o dinheiro e sem mexer na velha forma de fazer política. A maioria dos municípios está complicada financeiramente. Para reverter esse quadro, o primeiro passo é enfrentar as diretrizes neoliberais da Lei de Responsabilidade

Fiscal. Em seguida, rever as isenções aos empresários, elevar os impostos municipais dos ricos e da patronal, e punir exemplarmente todos corruptos. Só assim haverá dinheiro para as áreas sociais.

Apoiar as lutas e a organização popular

Nosso programa deve fazer um chamado a mobilização e apoiar as greves. Só resolveremos os problemas sociais com organização, não há solução por decreto. As prefeituras do PSOL devem estimular espaços populares de deliberação sobre o orçamento municipal e as prioridades do governo.

O PSOL não pode repetir o erro do PT de "governar para todos". Sabemos que é impossível atender ao mesmo tempo os interesses das empreiteiras e dos operários da construção civil, ou atender os interesses das empresas de transporte e dos usuários, por exemplo. Temos lado: o dos trabalhadores.

Não coligamos com inimigos do povo!

No caso das alianças, estão em curso articulações problemáticas. Há propostas que incluem qualquer partido, como o arco defendido pelo



senador Randolfe. O PT, PCdo B e seu bloco representam os interesses da privatização dos aeroportos e da previdência dos servidores e a prisão e expulsão das lideranças dos bombeiros e PM's. O PSDB, DEM e seus aliados reprimem os moradores do Pinheirinho, estudantes da USP e os sindicalistas combativos do ramo químico. São inimigos do povo e desejam o fim do PSOL. As ameaças de morte contra Freixo e de cassação contra Janira,

não deixam dúvidas quanto a isso.

Nossa tarefa é barrar as alianças com os partidos neoliberais e corruptos na reunião do diretório nacional que vai deliberar sobre esse tema. Felizmente, a proposta de coligação com o PV já naufragou no RJ, o que nos fortalece.

O perfil do partido

Para essas tarefas é necessário um bom funcionamento do partido. Nosso regime

deve evitar o personalismo e as decisões unilaterais. Casos como a escolha do vice da chapa do RJ, feita exclusivamente por Marcelo Freixo, integralmente por fora das instâncias partidárias, devem ser abandonados. As decisões da base devem ser sagradas, não podem ser violadas para satisfazer o grupo hegemônico que controla a instância superior, como se tentou fazer em São Paulo e se fez no Maranhão.

Democracia no PSOL Maranhão!

No Maranhão, o autoritarismo é marca registrada da direção majoritária do PSOL. Durante as plenárias do Congresso Estadual, o grupo liderado por Haroldo Sabóia forjou a eleição do diretório de São Luís, sem qualquer convocatória e na ausência das demais forças políticas.

Em Imperatriz, o congresso municipal foi realizado em dezembro, elegendo nova direção municipal. Por não ter maioria neste município, o grupo de Haroldo não reconheceu o congresso e negou a legalização do diretório junto ao TRE. Em Codó, eles impediram a realização do congresso marcado para o dia

17/03. Não podemos aceitar isso. A direção deve respeito aos militantes de base. Esperamos que a Executiva Nacional decida em favor da democracia e seja coerente com nossa história. O PSOL não é partido de caciques!

Denise Albuquerque
Executiva do PSOL - MA

“ACIDENTE” FERROVIÁRIO

Um massacre que não pode ficar impune

Gringo Giordano
Izquierda Socialista

No dia 22 de fevereiro um trem da linha Sarmiento que transportava 2500 passageiros do subúrbio de Buenos Aires, na sua maioria gente humilde que ia trabalhar, ficou sem freios e bateu no final da linha na Estação Once. Foram 51 mortos e mais de 770 feridos. Os responsáveis deste verdadeiro massacre são dois: o governo de Cristina Kirchner e a prestadora de serviço, a patronal de TBA (Trens de Buenos Aires). Os trabalhadores ferroviários dessa linha lançaram uma campanha nacional junto com outras organizações exigindo castigo aos verdadeiros culpados, que seja retirada a concessão à TBA e as ferrovias voltem a ser estatais, sob controle dos trabalhadores e dos usuários.

A falha nos freios, a utilização de trens caindo aos pedaços, à falta de investimentos, os subsídios milionários para engordar os lucros de TBA e a falta de controle por parte do estado provocaram esta catástrofe que não pode ficar impune. Um serviço prestado com formações de mais de 50 anos e um sistema de sinalização de tráfego que data desde 1927, são elementos que evidenciam as responsabilidades do governo e da empresa.

O governo e TBA

apelaram ao “erro humano”, colocando a culpa no maquinista, o único imputado na causa. Falaram que estava bêbado e que vinha falando no telefone, o que até agora a justiça descartou.

Os trabalhadores ferroviários do Sarmiento e sua Comissão de Delegados, encabeçada pela condução combativa e democrática presidida por Rubén “Pollo” Sobrero e Edgardo Reynoso, que além do mais são dirigentes da organização política Esquerda Socialista, apresentaram 330 denúncias durante anos que não tiveram nenhuma atenção. Denúncias do mesmo tipo também foram feitas por outras organizações políticas e sindicais, mas tampouco foram levadas em conta.

Na quarta feira 29 de fevereiro, uma assembléia histórica na linha Sarmiento, com a presença de 800 companheiros de um total de 1220, aprovou por unanimidade uma campanha nacional pelo castigo aos verdadeiros responsáveis; por uma comissão investigadora independente para alcançar a verdade; pelo fim da concessão à TBA e que as ferrovias voltem ao Estado sob controle dos trabalhadores e dos usuários. Duas décadas



depois das privatizações, uma assembléia operária conclamou a acabar com esse roubo, convocando uma marcha unitária à Praça de Maio (Buenos Aires) que se realizou na sexta feira dois de março com a participação de centenas de ferroviários, conjuntamente com organizações sociais, sindicais e políticas que coordenam as ações desta luta.

As ferrovias devem voltar ao Estado

São várias as vezes que se levantam para pedir que se retire a concessão a TBA. Nesse sentido se pronunciaram dirigentes da CGT e das CTAs, deputados federais, o presidente da Auditoria da Nação, e a Defensoria do Povo. Mas o governo, na tentativa de aliviar a situação, somente interveio na empresa e ordenou a renúncia do Secretário do Transporte Schiavi. É só perfumaria enquan-

to o transporte ferroviário continua piorando. O mais grave é que o governo continua destinando subsídios para os cofres desta empresa assassina da família Cirigliano.

Na década de 90, beneficiados pelos favores de Menem, construíram um império dentro do transporte público de passageiros. Hoje ultrapassaram as fronteiras nacionais e tem ações em vários países, dentre eles o Brasil, onde possuem o 40 % da Opportrans, que administra o metrô do Rio de Janeiro. E o pior é que a “progressista” Cristina ratificou a continuidade do mesmo modelo ferroviário privatizado.

Frente ao debate aberto sobre o que fazer com as ferrovias, que passaram a ser um negócio privado na década dos 90 durante o governo peronista de Carlos Menem e mantido pelo denominado governo “nacional e

popular” de Cristina, a combativa Comissão de Delegados da linha Sarmiento, está determinada a lutar “por um sindicato a serviço dos trabalhadores” e “um transporte ferroviário a serviço do povo”.

São os trabalhadores, técnicos e usuários os que conhecem os problemas e vem denunciando as falências que levaram a este massacre. Eles têm capacidade para resolver os graves problemas das ferrovias, de acabar com as negociatas e a corrupção e de colocar este transporte a serviço da população trabalhadora.

Os trabalhadores ferroviários fazem um chamado a continuar coordenando ações junto aos familiares das vítimas, aos indignados usuários, às personalidades e organizações sindicais, sociais e políticas que apoiem o projeto de tirar o sistema de ferrovias das mãos privadas que o levaram ao desastre.

FORA O SANGUINÁRIO BASHAR AL-ASSAD

Correspondência
Internacional

Seguindo o processo da “primavera árabe” iniciado em janeiro de 2011, o povo sírio começou seu levante contra o ditador em março do ano passado, com um heroísmo sem limites, enfrentando bombardeios, massacres, violações e assassinatos. Enterra seus familiares hoje enquanto se prepara para um novo combate amanhã, uma nova mobilização onde haverá mais mortos, cuja conta segundo a estimativa da própria ONU já chegou a 8 mil. Nestes doze meses a resistência não fez mais que crescer, se estender e ampliar, apesar da ferocidade do ataque à capital da resistência Homs. As deserções nas forças armadas do regime continuam, sendo que a resistência conta com grande participação da juventude e avançam as formas de auto-organização e autodefesa por parte da população.

Denunciar qualquer tentativa de intervenção militar

Enviado a Síria como representante conjunto da ONU e da Liga Árabe com a suposta tarefa de obter o fim imediato da violência, tanto por forças do governo quanto por manifestantes da oposição, o ex-secretário geral das Nações Unidas Kofi Annan teve, em 10 de março, um encontro sem êxito com o ditador sírio Bashar AL-Assad. Durante o encontro Assad disse que a

negociação não terá sucesso enquanto “grupos armados espalharem o caos”.

Kofi Annan, na verdade, seguiu a orientação tática do imperialismo que consiste em desarmar política e militarmente a oposição e conseguir uma saída negociada ainda com o ditador Bashar AL-Assad, antes que esse perca o controle da situação e possa ser deposto pela ação das massas revoltosas.

Poderá, mais uma vez, a ONU aprovar uma intervenção da OTAN em nome “da defesa da democracia”? Pode, mas não é o mais provável, pois a Síria está no coração do problema central que é a defesa do Estado Sionista e racista de Israel. É melhor ter um aliado que incomoda, mas aliado, que o vazio que se abriria com a queda de Assad, em meio a uma guerra civil, considerando as experiências do Iraque, Afeganistão e Líbia que não resultaram até o momento como haviam imaginado.

O marco da situação internacional é desfavorável para eles. As sucessivas derrotas no terreno político e militar com o pano de fundo da pavorosa crise econômica e da irrupção dos trabalhadores em todos os continentes resistindo os planos de ajuste lhes deixam pouca

margem. A crise da dominação imperialista se faz mais evidente, o que explica que os impasses se arrastem.

A solidariedade com o povo sírio cresce...

Notas, Manifestos, apoios se espalham pela internet. Impulsionado por lutadores e familiares tunisianos, saiu um manifesto com expressivas assinaturas de diversos continentes. Por sua vez, 100 escritores palestinos (um chamado em apoio, parabenizando a fundação da Associação de Escritores Sírios que se somaram na luta contra a tirania. Num parágrafo, assinaram: “Ouvimos por parte do representante sírio no Conselho de Seguranças se utilizarem da causa palestina para ocultar seus horrendos crimes. Dizemos: Não em nosso nome! Não esqueçamos vossa responsabilidade

no massacre de Tal Al Zaatar (1976) nem o terrível ataque ao campo de refugiados de Nahr Al-Bared em Trípoli (1983) nem o cerco aos campos de refugiados em Beirute (1985). Foi o povo sírio quem adotou a causa palestina como própria e não vocês”!

... enquanto Putin, Chávez e o PC Chinês sustentam o cruel ditador

Infelizmente, setores da esquerda teimam em menosprezar a luta do povo e atribuem tudo a supostas “conspirações imperialistas”. Claro que o imperialismo conspira contra o povo! Essa é a sua função! Mas o fundamental, que se negam a reconhecer, é que existe como disse o escritor Alba Rico, “um povo que conspira e isso se chama revolução”.

É compreensível que

um ex-agente da KGB, hoje um político bonapartista e milionário, de uma Rússia com bases militares e poderosos interesses econômicos no país, ou os burocratas chineses convertidos em cruéis ditadores que exploram sem piedade os operários em acordo com as multinacionais, ou até um presidente de um governo burocrático, corrupto e anti-operário como Chávez, defendam seus próprios interesses como milionários ou burocratas apoiando Al-Assad. O que é mais difícil de explicar, é que companheiros de agrupamentos com tradição de esquerda, como é o caso da APS-PSOL, mantenham essa mesma posição, ainda que sem coragem de falar “Queremos que fique Assad”. Mas quem cala consente, e é isso o que aconteceu no Congresso do PSOL, quando a APS se negou que o partido votasse uma campanha pelo Fora Assad!

